

Aula 20

AS ELEIÇÕES E A ASCENSÃO DE LULA À PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

META

Discutir sobre a emergência e a vitória de uma candidatura operária à Presidência da República, destacando a leitura presente no filme *Peões* de Eduardo Coutinho.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
situar a emergência da candidatura esquerdista de Luís Inácio Lula da Silva (PT) à presidência da República como sintoma da crise do modelo neoliberal no Brasil;
reconhecer como o filme estabelece a conexão entre a história e a memória da classe operária no final do século XX; e
identificar a estratégia de pesquisa do cineasta de registrar os anônimos das greves do ABC paulista entre 1978-1980.

PRÉ-REQUISITOS

O aluno deverá ler o discurso de Lula após a vitória no segundo turno das eleições de 2002 (ver Momento de Reflexão)

Antônio Fernando de Araújo Sá

INTRODUÇÃO

Caro aluno, chegamos ao nosso último encontro, e para encerrarmos nossa disciplina, na aula de hoje, iremos transitar pelos governos de Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso, na qual representaram uma significativa mudança na economia e na política brasileira. Analisaremos as eleições de 2002, que trouxe como personagens principais Lula e José Serra.

Abordaremos sobre a candidatura de Lula, que surgiu como esperança nas transformações econômicas e sociais, representando uma ruptura com a política neoliberal vigente. Discutiremos sobre a emergência e a vitória de uma candidatura operária à Presidência, utilizando a leitura presente no filme Peões de Eduardo Coutinho.

A leitura do discurso de Lula após a vitória no segundo turno das eleições de 2002, indicada no pré-requisito, é muito importante para realizarmos uma reflexão mais profunda em nossa aula.



Lula na greve dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo/SP, em 1980. Fotografia de Estevam César. (Fonte: www.flickr.com/photos/estevinho)



Lula presidente (Fonte: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/>)

ASCENSÃO DE LULA

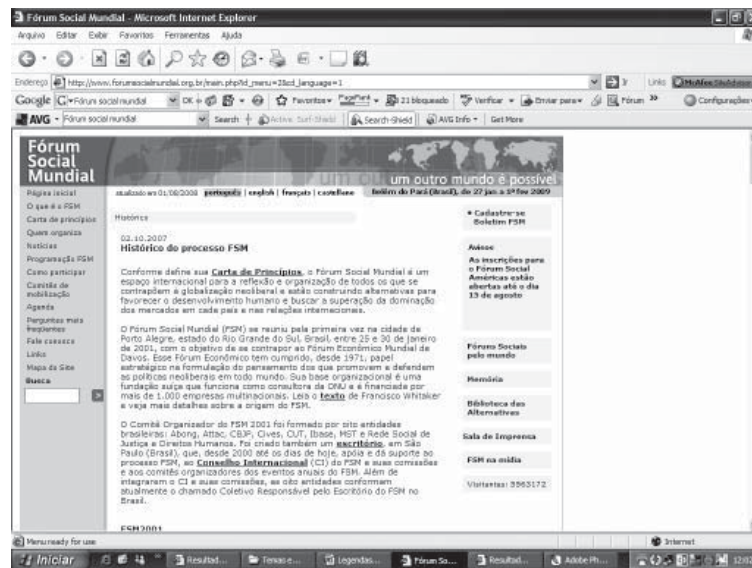
Caro aluno, como vimos anteriormente, os governos neoliberais instalados no Brasil ao longo da década de 1990, inicialmente com Fernando Collor e depois com Fernando Henrique Cardoso, representaram uma significativa mudança nos rumos da economia e da política brasileiras. No plano econômico, o mecanismo monetarista de redução inflacionária, com elevadas taxas de juros, articulado ao déficit na balança comercial, trouxe um crescimento vertiginoso do setor público. Como forma de garantir a estabilidade da moeda, a alternativa proposta por estes governos foi a atração dos capitais especulativos, proporcionada pela elevada taxa de juros, o que resultou num intenso processo de financeirização da economia brasileira. Ressalte-se que os postos econômicos mais importantes destes governos foram ocupados por pessoas ligadas ao setor financeiro, nacional e internacional (SADER, 2003: p. 153-154).

No plano político, uma das características mais marcantes destes governos, especialmente o de Fernando Henrique Cardoso, foi a preocupação em reforma constitucional, com vistas à retirada de direitos sociais e aspectos regulatórios das relações de trabalho. Em um dos seus discursos, Cardoso afirmou que “viraria a página do getulismo”. A consequência mais visível desta intenção governamental foi que “a maioria dos trabalhadores brasileiros não dispõe de carteira de trabalho, isto é, de contratos formais, que lhes possibilitem ser ‘sujeitos de direitos’ e, portanto, cidadãos” (SADER, 2003: p. 156).

Do ponto de vista social, há um evidente enfraquecimento dos movimentos sindicais, por conta do desemprego, da fragmentação e da informalização do mundo do trabalho. Não podemos esquecer da institucionalização da vida política dos partidos de esquerda, que depois de assumir-se como a expressão política dos movimentos sociais tornou-se cada vez mais moderados em suas posições políticas a terem optado, preferencialmente, pela via eleitoral. A virada conservadora na Igreja Católica também ocasionou um refluxo da ação dos setores ligados à Teologia da Libertação, resultando na expansão das tendências pentecostais tanto na própria Igreja Católica – padres cantores –, quanto das Igrejas evangélicas.

Talvez seja o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) o único movimento com capacidade organizatória na década de 1990, colocando a reforma agrária no centro do debate político nacional. Três fatos foram importantes para isso: o massacre de Corumbiara, em Rondônia, que deixou 11 mortos no confronto com a Polícia Militar e o III Congresso Nacional dos Sem-Terra, em Brasília, quando a passeata de 5 mil pessoas abriu espaço na mídia para a questão da reforma agrária. Ambos os acontecimentos foram em 1995. Mas, a retomada das mobilizações e das ocupações de terras efetivou-se em 1996, com o massacre de Eldorado dos

Carajás, quando foram mortos 19 trabalhadores rurais e feridos cerca de 50 (GRYNSZPAN, 2003: p. 341).



Home page do Fórum Social Mundial (Fonte: www.forumsocialmundial.org.br). Home page do Fórum Social Mundial (Fonte: www.forumsocialmundial.org.br).

A perspectiva de retomada da luta antineoliberal na conjuntura nacional e internacional, com as ações do zapatismo no México, do MST no Brasil e, internacionalmente, o Fórum Social Mundial, indicava uma considerável perspectiva para a esquerda no Brasil. É neste contexto que a candidatura do principal partido de oposição (PT) surge como esperança para transformações econômicas e sociais que representassem uma ruptura com a política neoliberal vigente no início do século XXI.

Nas eleições presidenciais de 2002, o eleitorado rejeitara o candidato do partido de Cardoso, José Serra, que obteve apenas 23% dos votos válidos no primeiro turno. A opção do candidato Lula, vitorioso no primeiro turno, em aliar-se com o empresário de Minas Gerais, José Alencar, operou uma guinada mais moderada do PT, com a divulgação de uma carta à nação brasileira, em junho de 2002, em que sua candidatura se comprometia a manter os compromissos vigentes com o Fundo Monetário Internacional e o respeito às privatizações já efetuadas no governo Fernando Henrique Cardoso. Durante a campanha, Lula chegou mesmo a repudiar o referendo sobre a ALCA, organizado pelo MST, setores da CNBB e partidos de esquerda.

Como ressaltou o cientista político Álvaro Bianchi, com base em pesquisa nos jornais de grande circulação nacional, como a Folha de São Paulo, a aceitação da candidatura de Lula, por parte do empresariado, é fruto da crescente moderação do discurso dos dirigentes petistas e de Lula. Tal moderação é interpretada como um “amadurecimento” do PT e de seu candidato, como explicita Horácio Lafer Piva, em recente entrevista:

“Houve um processo de amadurecimento do empresário e houve um processo de amadurecimento do Lula. As pessoas reconhecem hoje o partido mais disposto a negociar” (BIANCHI, 2002).

Setores mais à esquerda começaram a denunciar a aproximação desta candidatura ao programa da social-democracia, particularmente depois de sua vitória no segundo turno. No seu discurso de posse, esses críticos identificaram suas ambigüidades, tais como a menção a “mudanças” e a “exaustão do modelo (neoliberal)”, mas feitas dentro de um “processo gradual e contínuo” com base em “paciência e perseverança”. Logo depois sua fala mostrou-se favorável à reforma agrária, e também às elites agroexportadoras e ao livre comércio. Como ressaltou Petras (2005: 36), ao impor “medidas antiinflacionárias projetadas pelo FMI como uma prioridade, não havia nenhuma possibilidade de que Lula da Silva pudesse promover o mercado interno”, isto é, ampliar novos empregos e garantir o próprio Programa Fome Zero.

PEÕES: A CLASSE OPERÁRIA VAI AO PARAÍSO?

Após sua consagração com *Cabra Marcado Para Morrer* (1964-1984), Eduardo Coutinho tornou-se o mais influente documentarista em atividade no Brasil. Curiosamente, a consagração não trouxe a tranqüilidade para assegurar recursos para seus filmes e, no período de 1984 a 1998, o diretor optou por realizar filmes de baixo orçamento, com exceção de *O Fio da Memória* (1988-1991), encomendado no contexto do centenário da Abolição da escravatura. Somente, em 1998, com *Santo Forte*, sobre a religiosidade na favela Vila Parque da Cidade, na Gávea, Coutinho encontrou seu espaço de liderança no processo de revalorização do documentário no Brasil. Amir Labaki (2006: p. 78) afirma que o símbolo desta coroação foi a vitória deste filme na mostra competitiva do Festival de Cinema Brasileiro de Brasília, no mesmo ano de seu lançamento. Com o filme nasce também um novo estilo, o “cinema de conversa”. Nas palavras de Coutinho, esse dispositivo significa a “improvisação, a causalidade, a relação amigável, às vezes, conflitiva, entre os conversadores dispostos, em tese, nos dois lados da câmera – é esse o alimento essencial do documentário que tento fazer”.

Labaki (2006: p. 79) divide a obra de Eduardo Coutinho em dois grandes subgrupos. O primeiro versa “sobre indivíduos concretos em situações bem definidas: *Santo Forte*, *Babilônia 2000*, *Edifício Máster*, *O Fim e o Princípio*. O segundo pesquisa as relações entre memória individual e história coletiva: *Cabra Marcado Para Morrer*, *O Fio da Memória*, *Peões*”.

É sobre este último filme que o diretor se defronta com a classe operária, personagem que se fez presente de forma significativa no cinema docu-

mental do final da década de 1970, mas que se encontrava na década de 1980 e 1990 um pouco esquecido pelos cineastas. Como ressalta Consuelo Lins (2004: p. 172), tanto o cinema documental, que agora tem abordado as diferentes formas de exclusão social, ao lado das questões religiosas e culturais, bem como as minorias, o cinema de ficção abandonou os temas sociais e políticos em favor de uma estética influenciada pela publicidade.

A visibilidade da classe operária estava em bastante evidência na mídia por conta das reais possibilidades de vitória do candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), Luís Inácio Lula da Silva, para a presidência da República. Contudo, Coutinho opta por filmar não os líderes que se destacaram durante o movimento grevista, que mais tarde ocupariam cargos no governo, mas sim aqueles operários que atuaram anonimamente.

Aqui se evidencia a forte tensão entre história e memória, diferentemente de seus outros filmes, pois “seus personagens pertencem de fato a uma categoria, categoria que dialogou com a macro-história. Não são apenas pessoas, mas pessoas que tomaram parte do grande movimento operário que promoveu as grandes greves no ABC em 1979 e 1980” (WERNECK, s/d).

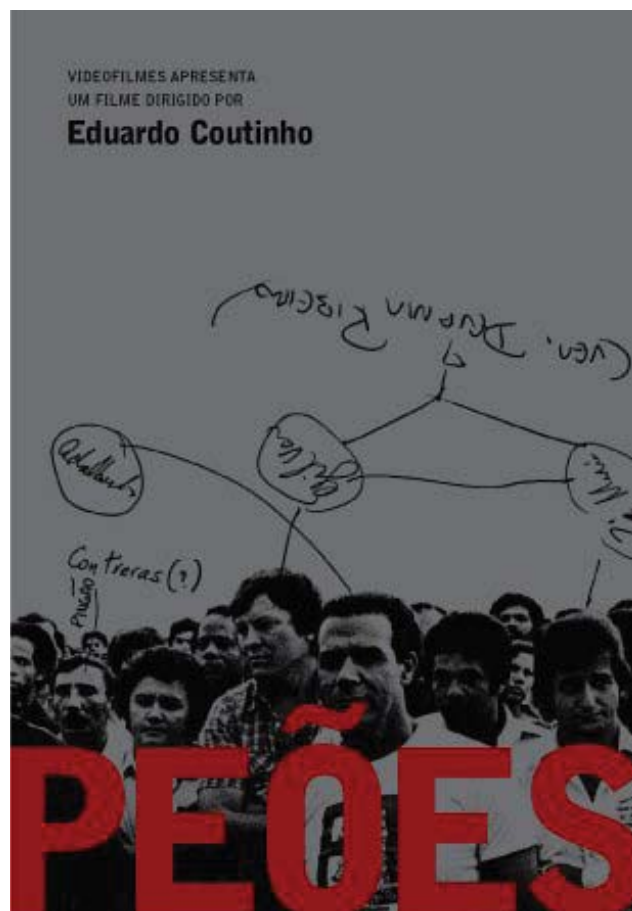
A tensão se manifesta no diálogo entre as falas dos personagens e as imagens dos filmes usados para reavivar-lhes a memória, filmes que são, antes de tudo, documentos históricos. Nesse sentido, o filme focaliza a história pessoal de 21 operários do ABC paulista, que participaram ativamente das grandes greves nos anos de 1979 e 1980, intercalando esses depoimentos com cenas de outros filmes analisados na aula 16, como o *Linha de Montagem* de Renato Tapajós, o *ABC da greve* de Leon Hirszman, e o *Greve de João Batista de Andrade*. Interessante observar que o que “une os operários no presente não é espaço da fábrica ou do sindicato, mas uma cultura política – ou fragmento dela – adquirida na prática, na vivência no interior da fábrica ao longo das grandes mobilizações dos operários do ABC paulista” (LINS, 2004: p. 178).

Talvez, caro aluno, o mais importante nessa tensão entre história e memória seja que os depoimentos dos operários “não servem para comprovar ou desmentir as cenas históricas e nem para testemunhar sua participação nelas”, mas sim “servem para reconstituir particularidades onde a historiografia impõe noções como as de ‘classe’, ‘movimento’ ou ‘partido’” (WERNECK, s/d).

Com produção de Maurício Andrade Ramos e João Moreira Salles, as filmagens foram feitas no ano de 2002, antes das eleições presidenciais, que tinha como um dos candidatos pleiteantes, Luis Inácio Lula da Silva.

Alexandre Werneck (s/d) também chama a atenção para a particularidade do filme no conjunto da cinematografia de Eduardo Coutinho: “ele tem um prazo muito curto para fazer o filme. Praticamente um mês. E nesse tempo, tem que achar mais e melhores personagens”. Assim, é necessário construir uma rede. “Rede de relações. Alguém, que se lembra de alguém,

que conhece alguém que possa saber de outrem. É assim que se constitui a pesquisa do filme”.



Cartaz do filme Peões

O diretor do filme chega até essas pessoas através de uma intensa pesquisa, em que consegue juntar vários registros fotográficos e filmicos onde elas aparecem atuando durante a greve, e são identificadas nas fotos ou nos filmes com a ajuda de seus antigos companheiros de trabalho. Esses depoimentos trazidos pelo longa-metragem reconstituem os momentos passados antes, durante e após as greves de 1970 e 1980. Antes de chegar em São Bernardo, os entrevistados falam das dificuldades em sua terra natal, o Nordeste, da fome que os impelia a buscar melhores condições de vida em São Paulo, das más condições da chegada. Falam da insalubridade do trabalho, da facilidade em arranjar emprego, fazem comparações com os dias atuais, da exploração das empresas como a Volkswagen, Ford, Scania, da relação ruim com os chefes, que marcam os depoimentos e que eram motivos para adesão a greve. Também são lembrados os modos como eles preparavam a greve, os locais onde se faziam as assembléias, as conversas com os companheiros na tentativa de fortalecer o movimento e não furar a greve, os piquetes em porta de fábrica, a panfletagem, a repressão policial na qual apanhavam dos policiais, as negociações com as empresas, momento

em que o governo declarava a greve ilegal e os ganhos perante as empresas eram quase nulos. Contam como após as greves foram demitidos nunca mais podendo trabalhar no ramo, e hoje alguns perderam entes queridos, outros vivem de bicos e outros ainda conseguiram realizar o sonho de se aposentar e voltar para o Nordeste. Tudo isso é contado com emoção, em meio a alegrias e tristezas que as lembranças trazem. Todos os entrevistados, apesar das críticas que tem ao Partido dos Trabalhadores (PT), apóiam Lula e o tem como um segundo pai. Esse sentimento que eles têm, é acalentado devido ao cotidiano de lutas que participaram junto com Lula, a sua liderança que trouxe alguns ganhos para os operários.

A narrativa de *Peões* se inicia em Várzea Alegre, no Ceará, e se encerra em São Bernardo do Campo, em São Paulo, seguindo as inúmeras trajetórias de migrantes nordestinos para São Paulo, o estado mais rico do Brasil. É neste presente-passado apresentado pela abertura, que o filme trata não “apenas de para onde foram os operários participantes do movimento sindical que ‘se perderam’ depois de 1980”, mas “de onde vieram os operários que constituíram a classe operária brasileira” (WERNECK, s/d). Um exemplo da crise por qual passa a classe operária hoje podemos identificar na entrevista de Geraldo que, de “peão” nos anos 1970, mantém essa condição até hoje como soldador com contrato temporário. Companheiro de Lula nas lutas dos anos 1970 e 1980, Geraldo revela o cotidiano repleto de insegurança com o emprego temporário e a desregulamentação do trabalho, mostrando com seu depoimento que a cultura política que forjou as lutas operárias nos anos 1970 no ABC paulista encontra-se atualmente em frangalhos, na medida em que o imaginário de que a classe operária era revolucionária desvaneceu-se, o que revela certo tom melancólico do final do filme. Mas Geraldo bem define o que seja peão: “... é aquele que cumpre horário e que bate cartão”.



Operários, tela de Tarsila do Amaral, 1933. (Fonte: www.sindicalismo.com.br)

Concluindo, no conjunto da cinematografia de Coutinho, o filme *Peões* revela “toda nostalgia desconstrutiva que se poderia afirmar ao se olhar para trabalhadores saudosos da “era das revoluções” ou para a decadência de quem já foi outrora soldado da transformação e agora se acomoda na velhice doente se transforma – como em *Cabra*, *Theodorico* ou mesmo em *Santo Forte* – em índice de que a política é, no limite, uma moral” (WERNECK, s/d).



ATIVIDADES

Elabore um pequeno artigo (duas páginas) sobre a eleição de Luís Inácio Lula da Silva em 2002, comparando o filme de Eduardo Coutinho, *Peões* (2004), com o de João Moreira Salles, *Entreatos* (2004).

CONCLUSÃO

Se a vitória eleitoral de Luis Inácio Lula da Silva representou o sintoma mais claro da crise do modelo neoliberal dos anos 1990 no Brasil, ao mesmo tempo mostrou os limites do exercício do poder por parte da esquerda brasileira, na medida em que não conseguiu implementar uma ruptura efetiva com o neoliberalismo. Talvez, uma das explicações para isso seja a ausência de um projeto hegemônico alternativo, assim como de uma política econômica alternativa impôs ao Brasil uma crise de hegemonia e não há projetos para preencher esse vazio (SADER, 2003, p. 172).

No bojo desta visão crítica da ascensão de um operário à presidência da República é que inserimos o filme de Eduardo Coutinho, pois estabelece uma nova interpretação do Brasil proporcionando um rico painel crítico da dispersão e do estilhaçamento da classe operária dentro do processo de desregulamentação das relações de trabalho no Brasil contemporâneo. Neste sentido, tanto do ponto de vista político como cinematográfico, se explicita a ausência de um grande movimento de mobilização popular atualmente, por conta, principalmente, do fato de que o movimento sindical encontra-se fragilizado pelo processo da pesada herança neoliberal nas relações trabalhistas.



RESUMO

Essa aula teve por objetivo explicitar a importância do cinema no registro da memória operária no Brasil desde o final dos anos 1970, com as grandes greves do ABC paulista, para pensarmos o papel da classe operária no mundo atual. Ao contrário da cinematografia já analisada em aulas anteriores, baseada nos grandes homens, a obra de Eduardo Coutinho encontra seu espaço de liderança no processo de revalorização do documentário no Brasil, por filmar não os líderes que se destacaram durante o movimento grevista do final dos anos 1970, mas sim aqueles operários que atuaram anonimamente. Neste sentido, seu trabalho se aproxima do trabalho do historiador preocupado em identificar os anônimos agentes históricos esquecidos pela historiografia brasileira, sejam eles camponeses ou operários.

MOMENTO DE REFLEXÃO DISCURSO DA VITÓRIA DE LULA EM 28 DE OUTUBRO DE 2002

Bem, eu quero dizer a todos vocês que amanhã, por volta do meio-dia, nós iremos fazer uma coletiva, na qual eu irei fazer um pronunciamento. Hoje são apenas alguns agradecimentos.

Primeiro, eu quero dar parabéns ao povo brasileiro pelo extraordinário espetáculo de democracia que ele deu no dia 27 de outubro de 2002, escolhendo o seu presidente da República e seus governadores.

Segundo, eu queria agradecer e cumprimentar o comportamento das autoridades que cuidaram do processo eleitoral, pelo Tribunal Superior Eleitoral e o seu presidente, Nelson Jobim. Meus agradecimentos ao presidente Fernando Henrique Cardoso pelo fato de ter anunciado à sociedade brasileira que possivelmente tenhamos a mais sensata e a mais democrática transição já vista no nosso país.

Quero agradecer aos milhões e milhões de homens, mulheres e adolescentes que votaram em mim e no companheiro José Alencar e agradecer aos milhões e milhões de homens, mulheres e adolescentes que votaram no meu adversário, que se abstiveram de votar, porque eu acho que essa atitude, esse comportamento do povo é o que consolida a democracia no nosso país.

Quero dizer para vocês que esse resultado eleitoral me obriga a afirmar a todos vocês que, embora tenha sido eleito pelo meu partido e pelos

aliados do PC do B, do PL, do PCB e do PMN, a partir do dia 1º de janeiro, eu serei presidente de 175 milhões de brasileiros.

Queria dizer para vocês que a responsabilidade de governar é muito grande. Eu e minha equipe iremos governar este país, mas não seria exagero dizer pra vocês que apenas um presidente, o seu vice e a nossa equipe não serão suficientes para que a gente governe o Brasil com os seus problemas, portanto nós vamos convocar toda a sociedade brasileira, todos os homens e mulheres de bem deste país, todos os empresários, todos os sindicalistas, todos os intelectuais, todos os trabalhadores rurais, toda a sociedade brasileira, enfim, para que a gente possa construir um país mais justo, mais fraterno e mais solidário. Por último, eu quero me dirigir à comunidade internacional. Acho que o Brasil pode jogar um papel extraordinário neste continente americano, para que possamos construir um mundo efetivamente de paz, no qual os países possam crescer economicamente e possam crescer do ponto de vista social para todo o seu povo. E farei o que estiver ao alcance do presidente da República do Brasil para que a paz seja uma conquista definitiva do nosso continente.



Cerimônia de posse do presidente Lula Momento em que Fernando Henrique lhe transfere a faixa presidencial (Fonte: <http://www.ambiente.arq.br>)

Quero dizer ao meu querido companheiro Genoino que você não perdeu a eleição, porque você não era governador, você apenas deixou de ganhar. Mas você vai perceber, meu companheiro Genoino, que, se você souber tirar proveito, uma derrota vai te deixar muito mais maduro, muito mais preparado e muito mais perto da próxima vitória. Para quem veio de Quixeramobim, ter 40 e poucos por cento de votos em São Paulo. Você, Genoino, foi um dos candidatos mais brilhantes

que eu conheci. Se todo mundo tivesse o seu bom humor e a sua vontade, meu caro, o Brasil seria infinitamente melhor.

Eu quero aqui agradecer à minha companheira Benedita da Silva. A Benedita que, convencida por José Dirceu e por mim, foi cumprir um mandato de nove meses, numa situação extremamente difícil. Eu não tenho dúvida nenhuma de que a Benedita fez o que era possível fazer no período que ela fez. Eu quero aproveitar e dizer aqui para vocês que o que mais me incentivou a convencer a Benedita a assumir o governo do Rio foi o fato de ela ser negra. E ela assumir o governo do Rio de Janeiro foi a maior conquista dos negros depois da libertação dos escravos neste país.

Por fim, eu quero dizer pra vocês que o Brasil está mudando em paz. E, mais importante, a esperança venceu o medo. E hoje eu posso dizer para vocês que o Brasil votou sem medo de ser feliz.

Por último, eu quero agradecer a essa extraordinária figura. Eu não vou elogiar os meus dirigentes, que estão aí. Já conversei com meu adversário, José Serra, recebi um telefonema dele agora há pouco. Já conversei com muitas outras pessoas pelo país afora. Já agradei em público à minha mulher durante muito tempo, durante a campanha. Mas acho que esse companheiro aqui não foi a única mas foi uma das coisas mais extraordinárias que aconteceram nessa campanha de 2002. Zé Alencar e eu não vamos ser um presidente e um vice. Nós vamos ser parceiros nos bons e nos maus momentos, vamos ser companheiros. E vocês sabem que, quando eu falo companheiro, falo companheiro com uma coisa muito forte no coração, porque nem todo irmão é um grande companheiro, mas todo companheiro é um grande irmão. E você é um grande companheiro, meu querido Zé Alencar.

É que eu não posso ficar com o microfone que eu tenho vontade de falar. Nós vamos ter que ir para a avenida Paulista, tem muita gente lá. Amanhã nós vamos ter uma coletiva, mas... que vou fazer um pronunciamento. Eu ainda tenho que cumprimentar algumas delegações de estrangeiros que estão aí.

Quero agradecer do fundo da minha alma a todos os companheiros que no primeiro turno e no segundo turno trabalharam de forma incansável. Quero agradecer à direção do meu partido e à direção dos partidos aliados. Quero dizer que sem vocês eu não seria o Lulinha paz e amor dessa campanha. Muito obrigado.

In: Folha de São Paulo. São Paulo, segunda-feira, 28 de outubro de 2002. Versão eletrônica em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2810200213.htm>



A vitória de Lula em 2002. (Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br>).



ATIVIDADES

A partir da leitura do texto desenvolva a seguinte questão:

1. Identifique os principais articuladores da campanha presidencial de 2002, comentando suas principais idéias com base em pesquisa a ser desenvolvida na Internet.

REFERÊNCIAS

- BIANCHI, Álvaro. **Os empresários e as eleições de 2002**. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/008/08bianchi.htm>.
- BUTCHER, Pedro. **Cinema brasileiro hoje**. São Paulo: Publifolha, 2005.
- GRYNSZPAN, Mario. A questão agrária no Brasil pós-64 e o MST. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil republicano: o tempo da ditadura**. v. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- MIRANDA, Luis F. A. **Dicionário de Cineastas Brasileiros**. São Paulo: Art Editora/Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1990.
- ORICCHIO, Luiz Zanin. **Cinema de novo: um balanço crítico da retomada**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- PETRAS, James. **Brasil e Lula: ano zero**. Blumenau/SC: Edifurb, 2005.
- SADER, Emir. **A vingança da História**. São Paulo: Boitempo, 2003.

VIANNA, Luiz Werneck. O coroamento da Era Vargas e o fim da História.
In: Dados: **Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, 1995,
p. 163-172.

WERNECK, Alexandre. Peões. In: **Revista Contracampo**. 64/65. s/d.
Disponível em: <http://www.contracampo.com.br/64/peoes.htm>.